

O MARRANISMO COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA

João Henrique dos Santos¹

“Os tempos são tais que se deveria pensar consideradamente antes de escrever livros”. (Pe. Antonio de Araoz, s.j., setembro de 1559)

Introdução

A presente comunicação visa a analisar alguns aspectos da resistência dos judeus forçadamente convertidos ao cristianismo, denominados “cristãos-novos” ou, pejorativamente, “marranos”. Muitos destes, em segredo, continuaram a praticar o judaísmo e transmiti-lo a seus filhos. Esses hábitos e práticas revelaram-se verdadeira estratégia de resistência, pois muito mais do que iniciativas individuais, constituíram-se verdadeiramente em movimento visando à preservação do judaísmo como religião e também como conjunto de valores éticos e morais. Por certo, o assunto não pode ser esgotado nas poucas páginas deste trabalho, o qual se concentra muito mais em uns poucos aspectos dessa resistência, focalizando de um modo particular a literatura.

Marranismo, marrano cripto-judaísmo: contextualização

No presente trabalho, não se contesta em momento algum a definição de *marrano* dada por Lipiner em sua obra *“Terror e Linguagem – um dicionário da Santa Inquisição”*², cujo início transcreve-se aqui: “Designação, em geral injuriosa, dada outrora aos judeus que foram tornados cristãos à força, mas continuavam a seguir, ocultamente, os ritos da lei velha” (*op. cit.* p. 166). O processo inquisitorial n° 2421, do Tribunal do Santo Ofício de Évora, formaliza o

¹ Universidade Gama Filho e Museu Judaico do Rio de Janeiro. E-mail: santosjh@uol.com.br

² LIPINER, Elias – *Terror e Linguagem – um dicionário da Santa Inquisição*. Contexto, Lisboa, 1998.

vínculo entre cristão-novo e marrano, ao afirmar que “*o dito réu é da casta dos cristãos-novos, que em língua espanhola se chamam marranos, que são aqueles que vêm da casta dos judeus*”.

O que se procurou, na presente pesquisa, foi resgatar o termo “marrano” (e, por conseguinte, seu substantivo derivado, marranismo) e despi-lo de qualquer carga negativa, reforçando verdadeiramente o aspecto positivo de uma atitude de resistência face a uma cultura que pregava a erradicação do judaísmo.

Da mesma forma como se usou marranismo, poderia ser utilizado cripto-judaísmo ou até mesmo criar-se o neologismo “*cristãonovismo*”, uma vez que os termos marrano, cristão-novo, cripto-judeu e converso são tratados por este autor nesta comunicação, como ensina Marc Bloch em “*Apologia da História*”³, sem qualquer juízo de valor. Para maior conformidade com a literatura dominante, contudo, o termo mais empregado neste trabalho será cripto-judeu.

Resistência na literatura

Quando livros judaicos e o Talmude eram encontrados com os conversos, eram apreendidos e destruídos. Também livros ligados à magia e astrologia mereciam a atenção dos inquisidores. Ainda que hajam sido editadas medidas que instruíam a censura régia ou eclesiástica nas publicações em 1502 (em Leão e Castela), em 1515 (Concílio de Latrão) e em 1564 (Concílio de Trento), a indústria gráfica era incipiente e, portanto, tais medidas foram de pouco efeito. Deve ser destacado que não se deu especificamente à Inquisição qualquer poder censório formal, muito embora na prática dificilmente algo fosse publicado sem o assentimento dos inquisidores.

³ BLOCH, Marc – *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2002.

Somente em 7 de setembro de 1558, a Regente Juana da Espanha, em razão da descoberta de livros protestantes no Reino, decretou rígido controle sobre publicações feitas no país e sobre a importação de livros estrangeiros. Tal decreto, que determinava o exame de manuscritos antes e depois de sua impressão, perdurou até o século XIX.

Assim, a estratégia de muitos judeus e cristãos-novos foi buscar publicar livros onde houvesse segurança, como Ferrara, na Itália. Contudo, muitos dos que permaneceram na Península Ibérica publicaram livros cuja linguagem poderia passar despercebida pelo crivo dos censores sem revelar seu verdadeiro significado, o qual somente seria compreendido pelos leitores de origem judaica.

Disso se ocupa Colbert I. Nepaulsingh em seu livro *“Apples of gold in filigrees of silver”*⁴, no qual analisa a literatura judaica sob o olhar da Inquisição. Esse autor destaca as obras espanholas do século XV *“Cárcel de amor”* de Diego de San Pedro, e *“Celestina”*, de Fernando de Rojas, como obras de conversos. Também obras-primas do século XVI, como *“Lazarillo”*, *“Albencerraje”* e *“La Diana”* traziam mensagens de conversos, de certo modo trazendo um *“doublespeak orwelliano” avant-la-lettre*.

Para ilustração, pode-se colher de Nepaulsingh o exemplo colhido de *“Los amores de Clareo y Florisea”*, de autoria de Alonso Núñez de Reinoso, no qual a descrição da beleza de uma mulher como “leite misturado com carne” (*“leche com carne mezclada”*) pode significar, para um leitor cristão, uma agradável tonalidade rosada, enquanto que para um leitor judeu, em

⁴ NEPAULSINGH, Colbert I. – *Apples of gold in filigrees of silver – Jewish writing in the eye of the Inquisition*. Holmes & Meyer, New York, 1995.

razão das restrições dietéticas impostas pela *kashrut*, que proíbe a mistura de carne e derivados de leite, pode significar algo repulsivo.

A análise de Nepaulsingh é muito mais focada no *status* de converso do texto do que no *status* de converso do autor.

A resistência na vida cotidiana

A resistência dos cripto-judeus não se dava somente através da literatura. Abertamente, freqüentavam os sacramentos e atendiam às funções religiosas estabelecidas pela Igreja Católica. Contudo, no recesso dos lares, o judaísmo era ensinado e transmitido, principalmente oralmente, cabendo às mulheres um papel primordial na transmissão dos ensinamentos judaicos, visto caber principalmente a elas a educação dos filhos.

Muitos hábitos, usos e ritos eram ensinados sem que se dissessem as razões de sua prática, e o uso da ambigüidade e da dissimulação eram muito freqüentes, como registra David M. Gitlitz, em sua obra “*Secrecy and deceit: the religion of the crypto-Jews*”⁵. Assim é que em muitas casas de conversos havia no jardim uma estátua da Virgem, com um dedo do pé oco, servindo de envoltório para a mezuzá, pergaminho com um trecho da Torá, a lei judaica, que os judeus afixam à porta de suas casas, em cumprimento a um preceito bíblico. Quando, ao entrar ou sair de casa, passando pela estátua, o converso beijava-lhe os pés, cumpria dois papéis: perante os

⁵ GITLITZ, David M. – *Secrecy and deceit: the religion of the Crypto-Jews*. Jewish Publication Society of America, Filadélfia, 1996.

cristãos, passava-se por devoto da Virgem Maria e, diante de sua consciência judaica, não quebrava o preceito de respeitar a mezuzá ao entrar ou sair de sua casa.

Seria extremamente extensa a descrição pormenorizada de todas as estratégias de resistência desenvolvidas pelos cripto-judeus nos múltiplos aspectos de sua vida civil e religiosa, tal como recolhido e analisado por Gitlitz na obra citada e também por Cecil Roth em “*Histoire des marranes*”⁶.

É importante lembrar que a estratégia era de jamais confrontar com a fé católica, nunca se chocando com a religião majoritária e hegemônica e que era pública e formalmente professada pelos cripto-judeus. Não se trata de uma guerra de batalhas, mas sim do que se poderia chamar de guerra de guerrilhas, não se querendo ganhar posições, mas sim mantê-las. Tratava-se de resistir à tentativa de supressão dos judeus e do judaísmo.

Os cuidados acompanhavam os cripto-judeus do nascimento à morte. Rituais obrigatórios, como a circuncisão, a observância sabática, as leis dietéticas e as leis funerárias eram cumpridos sob uma capa de dissimulação.

Permita-se aqui ser recordado, à guisa de ilustração, que as alheiras, comida típica portuguesa, externamente semelhante à lingüiça suína, mas na verdade embutido de carne de frango e pão, foi criado pelos cristãos-novos que, ao consumi-la abertamente, por um lado

⁶ ROTH, Cecil – *Histoire des marranes*. Liana Levi, Paris, 1990.

representavam estar rompidos com as leis dietéticas judaicas (sendo, portanto, bons cristãos, ou “cristãos lindos”, como os chamava Vieira), por outro não infringiam essas mesmas leis.

Conclusão

Sob múltiplos aspectos manifestou-se a resistência dos cripto-judeus à tentativa de imposição do cristianismo, especificamente do catolicismo romano. Pode-se dizer que maiores foram as pressões e mais sutis os mecanismos de controle aplicados aos cripto-judeus, mais criativas tornavam-se as estratégias de resistência, tomadas em parte ou *in toto*, mas cujo somatório corresponde àquilo que se pode denominar de marranismo ou de cripto-judaísmo.

A Prof^a Anita Novinsky afirmou a este autor estar convencida de que, se a cultura judaica tem sido uma cultura de resistência, a cultura dos cristãos-novos foi subversiva, por se rebelar, silenciosa e discreta, porém firmemente contra a imposição de valores que lhe são estranhos.

Tão fortemente entranhadas eram as recomendações para que não se vinculassem ao judaísmo hábitos e ritos ensinados pelos perpetuadores do judaísmo no período inquisitorial que, mesmo nas décadas iniciais do século XX, quando se identificaram comunidades cripto-judaicas em Belmonte, Portugal, estes, ainda que observassem quase que plenamente todas as leis judaicas, tinham dificuldades em se reconhecer e identificar como judeus. Portanto, a estratégia de dissimulação pode ser considerada tão vitoriosa que dificultou aos próprios praticantes sua identificação com o grupo ao qual pertencem.

Agradecimentos

O autor expressa sua gratidão aos Profs. Sergio de Moraes Dias e Edmundo Vieites Novaes e à Prof^a Esther Kuperman.

Bibliografia consultada

- ALCALÁ, Ángel (ed.) – *Inquisición y mentalidad inquisitorial*. Ariel, Madri, 1992.
- ALCALÁ, Ángel (ed.) – *Judíos, Conversos, Sefarditas*. Ámbito, Madri, 1995.
- ALPERT, Michael – *Cryptojudaism and the Spanish Inquisition*. St. Martins Press, New York, 2001.
- ALTABE, David F. - *Spanish and Portuguese Jewry before and after 1492*. Sepher-Hermon, New York, 1992.
- BENNASSAR, Bartolomé – *L’Inquisition Espagnole: XV^e-XIX^e siècles*. Hachette, Paris, 1979.
- BLOCH, Marc – *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2002.
- CARVALHO, António Carlos – *Os judeus do desterro de Portugal*. Quetzal Editores, Lisboa, 1999.
- CONTRERAS, Jaime – *Pouvoir et Inquisition en Espagne au XVI^e siècle*. Flammarion, Paris, 1997.
- CRIADO, Pilar Huerga – *En la raya de Portugal: solidaridad y tensiones en la comunidad judeoconversa*. Ediciones Universidad de Salamanca, 1994.
- GITLITZ, David M. – *Secrecy and deceit: the religion of the Crypto-Jews*. Jewish Publication Society of America, Filadélfia, 1996.
- KAMEN, Henry – *The Spanish Inquisition: a historical revision*. Weidenfeld & Nicholson, Londres, 1997.
- KATZ, I.J. & M.M. Serels (ed.) – *Studies on the history of Portuguese Jews from their expulsion in 1497 through their dispersion*. Sepher-Hermon, New York, 1996.
- LEWIN, Boleslao – *Los criptojudíos: un fenómeno religioso y social*. Milá, Buenos Aires, 1987.

- LIPINER, Elias – *Terror e Linguagem – um dicionário da Santa Inquisição*. Contexto, Lisboa, 1998.
- NEPAULSINGH, Colbert I. – *Apples of gold in filigrees of silver – Jewish writing in the eye of the Inquisition*. Holmes & Meyer, New York, 1995.
- NOVINSKY, Anita e M. L. T. Carneiro – *Inquisição: Ensaio sobre heresia, mentalidade e arte*. Edusp, S. Paulo, 1992.
- PETERS, Edward – *Inquisition*. University of California Press, Berkeley, 1989.
- ROTH, Cecil – *Histoire des marranes*. Liana Levi, Paris, 1990.
- SARAIVA, António José – *Inquisição e cristãos-novos*. Estampa, Lisboa, 1985.
- SLOUSZ, Nahum – *[HaAnusim bePortugal] (hebraico: Os anussim em Portugal)*. Tel-Aviv, 1932.